

A nação interrompida: contra-arquivo e temporalidade nas poéticas negras transatlânticas

Serafina Ferreira Machado, Josiane Júnia Facundo de Almeida, Fernanda Silva de Andrade, Manuela Hermann Zamprogna

Resumo: Este artigo analisa como a memória se converte em princípio formal de contra-arquivo na poesia de Conceição Evaristo, Nancy Morejón e Shirley Campbell Barr. O corpus principal compreende "Vozes-mulheres", "Mujer negra" e "Rotundamente negra". Por meio de leitura analítica dos poemas e comparação transversal, examinam-se repetição, paralelismo, montagem, fragmentação e performatividade como procedimentos que reorganizam a temporalidade da narrativa nacional. Propõe-se uma tipologia composta por três modalidades relacionadas, mas não equivalentes: o contra-arquivo genealógico, o épico-diaspórico e o performativo-identitário. A análise demonstra que esses poemas não se limitam a recuperar sujeitos excluídos do arquivo estatal. Eles deslocam os critérios de inteligibilidade histórica ao tensionar a continuidade progressiva por meio de regimes temporais marcados pela reverberação ancestral, pela refundação diaspórica e pela interrupção performativa. Conclui-se que a poesia afro-latino-americana de autoria feminina constitui uma forma de memória crítica que expõe a contingência racial e patriarcal da forma-nação.

Palavras-chave contra-arquivo; temporalidade; poesia afro-latino-americana; mulheres negras; diáspora.

Abstract: This article examines how memory becomes a formal principle of counter-archive in the poetry of Conceição Evaristo, Nancy Morejón, and Shirley Campbell Barr. The primary corpus comprises "Vozes-mulheres," "Mujer negra," and "Rotundamente negra." Through close reading

and cross-comparison, the study considers repetition, parallelism, montage, fragmentation, and performativity as procedures that reorganize the temporality of the national narrative. It proposes three related but non-equivalent modes: the genealogical, epic-diasporic, and performative-identitarian counter-archive. The analysis shows that these poems do more than recover subjects excluded from the state archive. They transform the conditions of historical intelligibility by challenging progressive continuity through temporal regimes shaped by ancestral reverberation, diasporic refoundation, and performative interruption. Afro-Latin American poetry by Black women thus emerges as a form of critical memory that exposes the racial and patriarchal contingency of the nation-form.

Keywords: counter-archive; temporality; Afro-Latin American poetry; Black women; diaspora.

1 Introdução

Nas últimas décadas, os estudos sobre memória, raça e gênero têm demonstrado que lembrar e esquecer não são operações neutras. Arquivos, monumentos, currículos e narrativas nacionais selecionam experiências, distribuem visibilidade e definem quais sujeitos podem comparecer como agentes da história. Nas formações latino-americanas, essa seleção foi decisiva para consolidar imagens homogêneas da comunidade nacional, frequentemente organizadas a partir de sujeitos masculinos, brancos e letrados. As experiências das mulheres negras, quando registradas, foram muitas vezes reduzidas à condição de testemunho lateral ou mediadas por discursos que lhes retiravam a autoridade de narrar.

A poesia afro-latino-americana escrita por mulheres negras intervém nesse regime de memória sem se limitar a preencher suas lacunas. Em vez de apenas acrescentar nomes e experiências ao repertório nacional, ela transforma os modos pelos quais o passado se torna legível. Repetição, coralidade, fragmentação, paralelismo e montagem não aparecem como ornamentos formais: constituem procedimentos por meio dos quais a memória se transmite, retorna e interrompe a aparência de continuidade histórica.

O problema que orienta este artigo pode ser formulado da seguinte maneira: como a organização formal dos poemas de Conceição Evaristo, Nancy Morejón e Shirley Campbell Barr converte a memória em uma prática de contra-arquivo capaz de tensionar a temporalidade da nação? Sustenta-se que essas poéticas produzem regimes temporais distintos da linearidade progressiva que costuma

organizar a história nacional. O passado não é apresentado como etapa superada, mas como reverberação, travessia e conflito ainda ativos no presente.

O corpus principal é composto por “Vozes-mulheres”, de Conceição Evaristo, “Mujer negra”, de Nancy Morejón, e “Rotundamente negra”, de Shirley Campbell Barr. A escolha reúne três contextos nacionais — Brasil, Cuba e Costa Rica — e permite examinar aproximações e diferenças entre poéticas ligadas à experiência negra na América Latina. A análise não pressupõe que as autoras expressem uma identidade diaspórica uniforme. Interessa compreender como cada poema constrói uma relação específica entre voz feminina negra, temporalidade e pertencimento histórico.

Metodologicamente, o estudo articula leitura analítica dos poemas e comparação transversal. Primeiro, identifica-se em cada poema a relação entre composição formal e regime de temporalidade. Em seguida, as recorrências são sistematizadas em três modalidades heurísticas: contra-arquivo genealógico, épico-diaspórico e performativo-identitário. A tipologia resulta da comparação e descreve operações predominantes, admitindo sua coexistência numa mesma obra.

A expressão “poéticas negras transatlânticas” é empregada em diálogo com a formulação do Atlântico Negro de Paul Gilroy (1993). Não designa um período literário homogêneo nem identifica as autoras com um único movimento estético. Refere-se a um campo de relações no qual escravidão, travessia, colonialismo e resistência ultrapassam as fronteiras dos Estados nacionais, permitindo pensar a modernidade a partir da diáspora.

Interessa, assim, deslocar o debate do conteúdo memorialístico para a forma temporal da memória. O contra-arquivo poético não é compreendido como simples acervo alternativo, mas como intervenção na própria organização da historicidade. Esse deslocamento permite mostrar que as três autoras não ocupam uma posição idêntica “fora” da nação. Elas produzem exterioridades internas: revelam seus limites, disputam seus fundamentos e interrompem os mecanismos que naturalizam exclusões raciais e de gênero.

2 Arquivo, nação e temporalidade

O arquivo não constitui um depósito passivo de documentos. Como demonstra Foucault (2008), ele organiza as condições de aparecimento dos enunciados e estabelece regularidades que tornam certos discursos possíveis, enquanto outros permanecem ilegíveis. Derrida (2001), por sua vez, associa a constituição do arquivo à autoridade de selecionar, conservar e interpretar. Arquivar é, portanto, uma prática de poder: produz uma ordem para o passado e interfere nas possibilidades de narrá-lo.

Nas formações nacionais modernas, essa ordem participa da construção de uma memória compartilhada. Anderson (2008) compreende a nação como comunidade imaginada, sustentada por dispositivos culturais que permitem a sujeitos desconhecidos reconhecerem-se como parte de uma mesma continuidade. Essa imaginação histórica, porém, não inclui todos de maneira equivalente. O silêncio não decorre apenas da ausência material de registros. Como argumenta Pollak (1989), lembrar e esquecer integram disputas sociais nas quais determinadas memórias permanecem subterrâneas ou são deslocadas para as margens do relato público.

A dimensão coletiva da memória permite compreender como experiências singulares se articulam a referências compartilhadas. Halbwachs (2006, p. 41) observa que uma lembrança pode ser evocada do ponto de vista de um grupo mesmo quando seus integrantes não estão materialmente presentes. Essa perspectiva oferece uma base para pensar a relação entre voz individual e experiência coletiva nos poemas analisados. A passagem ao contra-arquivo poético exige, contudo, examinar como a composição transforma essas referências e tensiona os critérios que regulam sua visibilidade histórica.

A articulação entre arquivo e nação também é temporal. Bhabha (1990) distingue o tempo pedagógico, associado à continuidade acumulativa do povo nacional, do tempo performativo, produzido nas enunciações descontínuas do presente. O primeiro oferece à nação uma genealogia aparentemente estável; o segundo expõe diferenças e repetições que impedem o fechamento dessa narrativa. A nação não é, nessa perspectiva, uma unidade concluída, mas uma forma continuamente reiterada e contestada.

As exclusões raciais e de gênero precisam ser compreendidas no interior desse processo. Scott (1995) mostra que o gênero organiza relações de poder e categorias de inteligibilidade histórica. Collins (2019) acrescenta que o pensamento feminista negro se constitui a partir de experiências situadas e de formas coletivas de produção de conhecimento. Assim, a marginalização das mulheres negras não pode ser explicada apenas pela falta de documentos: ela envolve critérios de autoridade que definem quem pode falar, quais experiências contam como conhecimento e que temporalidades podem ser reconhecidas como história.

É nesse ponto que propomos a categoria de contra-arquivo poético[1]. Ela designa práticas formais que preservam experiências silenciadas e, simultaneamente, questionam os critérios de

[1] A categoria de contra-arquivo poético é desenvolvida no âmbito do projeto de pesquisa “Forma, memória e contra-arquivo: poesia feminina negra e produção de práticas pedagógicas para a educação pública”, realizado no Instituto Federal do Paraná (IFPR). Neste artigo, a categoria é retomada e aprofundada a partir da relação entre memória, forma poética e temporalidade.

arquivabilidade. O prefixo “contra” não significa exterioridade absoluta nem simples oposição ao arquivo estatal. Indica uma relação crítica com os regimes de classificação, linearidade e autoridade que sustentam a memória oficial. O poema não substitui o documento institucional; torna visíveis os critérios e as exclusões que orientaram sua constituição.

A temporalidade é decisiva para essa definição. O relato nacional frequentemente apresenta a escravidão e o colonialismo como etapas superadas pela independência, pela abolição, pela instauração da república ou pela revolução. Benjamin (2012) critica esse tempo homogêneo e vazio, no qual o progresso converte a violência em momento necessário de uma continuidade. As poéticas analisadas recusam essa pacificação. Elas produzem heterocronias: fazem coexistir tempos que a narrativa progressiva procura separar e convertem a sobrevivência do passado em força crítica do presente.

A noção de segunda natureza em Adorno (2009) contribui de modo pontual para compreender tal naturalização. Processos historicamente produzidos podem adquirir a aparência de evidência ou destino. A narrativa nacional transforma-se em segunda natureza quando sua forma histórica passa a parecer inevitável. Contudo, essa categoria não constitui o centro do argumento. Interessa sobretudo observar como a materialidade dos poemas reabre a historicidade daquilo que a nação apresenta como continuidade natural.

A diáspora, por fim, não é tomada como identidade homogênea, mas como campo de relações e temporalidades. Em Gilroy (1993), o Atlântico Negro desafia modelos culturais centrados exclusivamente no Estado-nação. Travessias, traduções e memórias da escravidão compõem uma modernidade contraditória, na qual liberdade e violência colonial se produzem conjuntamente. A leitura comparativa das três autoras parte dessa tensão, preservando as especificidades de seus contextos.

3 Formas do contra-arquivo poético

3.1 Genealogia e temporalidade espiralar em Conceição Evaristo

Em “Vozes-mulheres”, Conceição Evaristo organiza a memória como transmissão intergeracional. Bisavó, avó, mãe, sujeito lírico e filha aparecem como posições sucessivas de uma mesma arquitetura vocal. A retomada de “A voz”, articulada às relações de parentesco, funciona como anáfora estruturante e organiza a composição como uma linhagem feminina. Cada estrofe retoma a anterior e modifica sua intensidade histórica.

O verbo “ecoar” é central para essa construção. O eco não reproduz uma voz de maneira idêntica: ele a transporta, deforma e faz chegar a outro tempo. Quando a voz da bisavó ressoa nos porões do navio e as gerações seguintes transformam obediência, revolta e perplexidade em afirmação, o poema não descreve uma passagem linear da opressão à liberdade. A dor e a resistência acumulam-se sem que uma etapa anule a anterior (EVARISTO, 2017, p. 21-22).

Essa articulação entre vozes pode ser lida à luz da dimensão coletiva da memória discutida por Halbwachs (2006, p. 41). A evocação das antepassadas situa a voz presente numa rede de relações que ultrapassa a experiência individual. No poema, essa relação adquire uma forma específica: a recorrência de “voz” e “eco” aproxima gerações historicamente distintas, enquanto as mudanças entre as estrofes transformam o legado recebido. A coletividade constitui-se, assim, pela retomada e pela reelaboração das experiências.

A disposição estrófica reforça esse movimento. Os blocos paralelos oferecem uma direção genealógica, mas a recorrência vocabular impede que ela se converta em simples progresso. O passado retorna na voz presente, enquanto a voz da filha projeta uma abertura ainda não realizada. A enumeração temporal que aproxima “ontem”, “hoje” e “agora” reduz a distância entre períodos históricos e produz simultaneidade. A experiência escravista não é confinada ao passado; sobrevive na fala, no corpo e nas condições do presente.

Os enjambements também participam da transmissão. O sentido ultrapassa o limite de um verso e se prolonga na linha seguinte. Esse movimento pode ser interpretado como uma continuidade que depende da passagem entre segmentos, em diálogo com a transmissão entre gerações encenada pelo poema. A relação entre corte e continuidade permite ler a linhagem como uma experiência em transformação, na qual cada geração reelabora o que recebeu da anterior.

Essa operação configura um contra-arquivo genealógico. Em lugar da cronologia estatal, organizada por grandes marcos públicos, o poema estabelece uma historicidade transmitida entre mulheres negras. O corpo e a voz tornam-se suportes de memória. O fundamento desloca-se do território abstrato da nação para a relação entre gerações, mas esse deslocamento não abandona a história brasileira: ele expõe as continuidades que sua narrativa progressiva tende a ocultar.

A espiral constitui imagem mais adequada do que a linha. Há transformação entre as gerações, mas o passado retorna em outro nível, como ressonância que impede o apagamento das continuidades históricas da escravidão. O poema não pede que as mulheres negras sejam acrescentadas a uma narrativa previamente estável. Ele demonstra que a estabilidade nacional dependia de manter suas

vozes na condição de ruído ou silêncio. Ao converter o eco em princípio composicional, Evaristo transforma a linhagem feminina em forma de conhecimento histórico.

3.2 Travessia e refundação diaspórica em Nancy Morejón

"Mujer negra", de Nancy Morejón, produz uma relação diferente entre memória e nação. O poema articula travessia atlântica, trabalho escravizado, rebelião e participação revolucionária por meio de uma primeira pessoa que ultrapassa a biografia individual. O "eu" lírico condensa experiências coletivas e atravessa séculos sem se submeter a uma cronologia documental contínua.

A abertura sensorial — "Todavía huelo la espuma del mar" — mantém a travessia ativa no presente da enunciação (MOREJÓN, 2025, p. 38-39). O advérbio "todavía" recusa o encerramento do passado: o mar permanece como cheiro, memória corporal e marca de violência. A inscrição sensorial da travessia aproxima a violência histórica da experiência corporal e sustenta a presença do passado na enunciação.

A distinção de Halbwachs (2006, p. 78-79) entre história vivida e história aprendida ajuda a compreender essa presença sensorial do passado. Sua aplicação ao poema exige considerar a mediação literária: a voz lírica condensa experiências coletivas que ultrapassam uma biografia individual.

O poema avança por montagem. Episódios históricos aparecem em blocos condensados, separados por saltos que comprimem séculos de experiência. Essa organização preserva uma direção histórica, mas desloca seu sujeito: a mulher negra passa a narrar a travessia, o trabalho e a insurgência a partir de uma primeira pessoa coletiva. A cadência épica articula essas experiências e atribui à voz feminina negra a posição de agente na formação da coletividade.

As perguntas sobre a origem africana não recompõem uma genealogia intacta. Elas registram a lacuna produzida pelo tráfico atlântico. A incerteza não é uma deficiência a ser corrigida pela imaginação de uma origem pura; constitui marca formal de uma violência documental. O poema arquiva tanto a sobrevivência quanto a perda, evitando transformar a diáspora em narrativa harmoniosa de retorno.

Diferentemente de "Vozes-mulheres", "Mujer negra" dialoga diretamente com o enredo nacional. A voz lírica participa das lutas que constituem Cuba e reivindica a terra como resultado de trabalho, insurgência e ação coletiva. Não se trata, portanto, de uma posição simplesmente exterior à nação.

O poema produz uma exterioridade interna: ocupa a narrativa fundacional para alterar seu ponto de origem e revelar que a comunidade nacional dependeu de sujeitos que posteriormente marginalizou.

Essa operação configura o contra-arquivo épico-diaspórico. A épica não é recusada, mas refundada. Seu sujeito deixa de ser o herói masculino individual e passa a ser uma voz feminina negra, coletiva e trans-histórica. A nação permanece como espaço de disputa, enquanto a diáspora impede que sua origem seja apresentada como homogênea. O poema reinscreve a história cubana a partir do corpo escravizado sem apagar a tensão entre pertencimento nacional e memória atlântica.

3.3 Corpo e interrupção performativa em Shirley Campbell Barr

Em “Rotundamente negra”, Shirley Campbell Barr desloca o eixo da narrativa retrospectiva para o presente da enunciação. O poema organiza-se pela repetição da recusa e pela afirmação insistente do corpo negro. “Me niego” inaugura sequências paralelas, enquanto “rotundamente” funciona como refrão e intensificador rítmico. A identidade não é apresentada como resultado pacificado de um percurso histórico; realiza-se como ato verbal reiterado.

A recusa dirige-se às formas de negação da voz, do sangue e da pele. Ao declarar-se “rotundamente negra”, o sujeito poético transforma uma classificação historicamente imposta em autoinscrição deliberada (CAMPBELL BARR, 2017, p. 17). O poema não substitui um estereótipo negativo por uma essência positiva. Sua força reside no ato de interromper a exigência de apagamento e afirmar o direito de nomear o próprio corpo.

A enumeração dos traços corporais, articulada pela coordenação e pela repetição de “rotundamente”, confere destaque rítmico à boca, ao nariz e aos dentes. Inserida na recusa de negar a própria imagem, essa sequência transforma características racializadas em elementos de autoafirmação. A pele integra esse movimento e associa a presença corporal ao gesto de nomear-se.

O refrão produz uma temporalidade intensiva. Em vez de narrar uma sequência de acontecimentos, o poema retorna ao mesmo ponto e aumenta sua força a cada repetição. Essa insistência aproxima a escrita da oralidade performática: dizer é agir, e repetir é impedir que a afirmação seja absorvida por uma narrativa conciliatória. A progressão do poema ocorre pela intensificação da recusa e da autoafirmação, concentradas no presente da enunciação.

Essa operação configura o contra-arquivo performativo-identitário. O corpo feminino negro funciona como documento vivo, não porque contenha uma memória biológica imutável, mas porque

nele se cruzam linguagem, racialização e experiência histórica. O poema arquiva o gesto de recusa e cria condições para que a identidade seja enunciada fora dos termos impostos pelo racismo.

No diálogo com o contexto costarriquenho, essa autoinscrição pode ser lida como uma contestação dos limites do pertencimento nacional. A afirmação da voz, da língua e da história oferece elementos para interpretar o poema como disputa pelo direito de participar da memória coletiva. Seu caráter performativo permite pensar a produção do arquivo no acontecimento da voz e na repetição da autoafirmação.

4 Síntese comparativa entre nação e diáspora

As três modalidades reorganizam a temporalidade histórica por procedimentos distintos. Em Evaristo, predomina a retomada intergeracional: as vozes retornam, acumulam-se e projetam uma continuidade ancestral. Em Morejón, a montagem condensa um percurso histórico e desloca seu sujeito, articulando travessia, trabalho e insurgência. Em Campbell Barr, a repetição concentra a recusa e a autoafirmação no presente da enunciação.

Essas diferenças impedem que a diáspora seja convertida em chave uniforme. O Atlântico aparece como memória da travessia em Morejón, como sobrevivência transmitida entre gerações em Evaristo e como fundo histórico da disputa identitária em Campbell Barr. A comparação não procura dissolver Brasil, Cuba e Costa Rica numa experiência indiferenciada, mas observar como histórias nacionais distintas são atravessadas por estruturas coloniais e raciais relacionadas.

Também variam as relações com a nação. “Vozes-mulheres” desloca a historicidade para uma linhagem que excede os marcos oficiais. “Mujer negra” entra no centro do relato nacional e disputa seu sujeito fundador. “Rotundamente negra” interrompe os regimes cotidianos de identificação sobre os quais a homogeneidade nacional se apoia. Em todos os casos, a posição crítica é interna e externa ao mesmo tempo: os poemas falam de formações nacionais concretas, mas recusam que elas determinem integralmente os limites da memória.

A noção de contra-arquivo ganha precisão justamente nessa variação. Ela não nomeia qualquer discurso de oposição nem depende apenas da identidade social de quem escreve. Designa a articulação entre posição histórica e procedimento formal. Anáfora, paralelismo, montagem, fragmentação e refrão são relevantes porque produzem efeitos específicos de transmissão, refundação e interrupção.

O corpo feminino negro ocupa lugar decisivo nas três configurações. Ele não é simples metáfora do arquivo, nem suporte transparente de uma verdade anterior à linguagem. Constitui uma superfície histórica na qual trabalho, violência, parentesco, racialização e resistência deixam marcas e são reelaborados pela forma poética. Voz, cheiro, sangue e pele tornam sensível aquilo que o documento estatal tende a abstrair.

A memória poética também não garante, por si só, efeitos políticos emancipatórios. Sua eficácia depende de circulação, leitura, instituições e contextos de recepção. O argumento do artigo refere-se às potencialidades estruturais das obras: seus procedimentos possibilitam outras relações com o tempo e expõem as exclusões necessárias à aparência de continuidade nacional. Evita-se, assim, estabelecer equivalência automática entre fragmentação formal e crítica social.

A tipologia proposta deve ser entendida como instrumento descritivo e aberto. Um mesmo poema pode combinar genealogia, épica e performatividade; outras obras podem exigir categorias diferentes. Sua utilidade reside em aproximar análise formal e história sem reduzir o texto literário a documento sociológico. A forma torna visíveis as fraturas da história porque as reorganiza na linguagem.

5 Considerações finais

A leitura comparativa demonstrou que a memória, nos poemas de Conceição Evaristo, Nancy Morejón e Shirley Campbell Barr, não se limita a um conteúdo recuperado do passado. Ela constitui um princípio de organização da linguagem. Repetição, paralelismo, montagem, fragmentação e performatividade produzem regimes temporais que confrontam a continuidade pedagógica da nação.

O conceito de contra-arquivo poético permite nomear essa intervenção sem reduzir as obras a repositórios alternativos. Em “Vozes-mulheres”, a genealogia feminina negra converte o eco em forma de transmissão e impede que a escravidão seja tratada como etapa encerrada. Em “Mujer negra”, a montagem épica reinscreve a mulher escravizada como sujeito fundador e desloca a origem homogênea da nação. Em “Rotundamente negra”, a repetição performativa transforma a afirmação corporal em acontecimento arquivístico do presente.

O estudo também permite qualificar a relação entre poesia e nação. As autoras não escrevem simplesmente fora dela. Produzem exterioridades internas que tornam visíveis seus fundamentos coloniais, raciais e patriarcais. A nação deixa de aparecer como totalidade natural e revela-se forma

histórica disputada. Nesse movimento, a diáspora não substitui o pertencimento nacional, mas impede que ele se feche sobre uma origem única.

A contribuição central do artigo reside, portanto, em deslocar o foco da memória representada para a forma temporal da memória. O contra-arquivo poético preserva experiências ameaçadas pelo apagamento e modifica as condições sob as quais elas podem ser reconhecidas como história. Mulheres negras aparecem não como suplemento de uma modernidade previamente constituída, mas como agentes cuja voz revela e reconfigura suas contradições.

Como desdobramento, a tipologia poderá ser testada em outros gêneros, tradições diaspóricas e contextos linguísticos. Também será necessário investigar as condições materiais de circulação e recepção dessas obras, pois a potência inscrita na forma não produz efeitos universais ou automáticos. Ainda assim, os poemas analisados demonstram que disputar a memória implica disputar as formas que organizam o tempo — e que a interrupção poética pode reabrir aquilo que a narrativa nacional procura apresentar como concluído.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 222-232.

BHABHA, Homi K. DissemiNation: time, narrative, and the margins of the modern nation. In: BHABHA, Homi K. (ed.). *Nation and narration*. London: Routledge, 1990. p. 291-322.

CAMPBELL BARR, Shirley. *Rotundamente negra y otros poemas*. 2. ed. Madrid: Ediciones Torremozas, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GILROY, Paul. *The Black Atlantic: modernity and double consciousness*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006. 9. reimpr., 2017.

MOREJÓN, Nancy. *Pájara de cristal, fósforo y aire: poemas escogidos (1964-2025)*. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

Autoras:

Serafina Ferreira Machado

Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Doutora em Estudos Literários.

E-mail: serafina.machado@ifpr.edu.br.

ORCID: 0009-0007-8345-6415

Josiane Júnia Facundo de Almeida

Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Paraná (IFPR). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina.

E-mail: josiane.almeida@ifpr.edu.br.

ORCID: 0000-0002-9102-8281

Fernanda Silva de Andrade

Estudante do curso Técnico em Biotecnologia integrado ao ensino médio do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

E-mail: fernandasilvadeandrade92@gmail.com.

ORCID: 0009-0008-5092-9308

Manuela Hermann Zamprogna

Estudante do curso Técnico em Informática integrado ao ensino médio do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

E-mail: 20251lon0030009@estudantes.ifpr.edu.br.

ORCID: 0009-0007-3513-8068